

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

A fotografia como fonte e/ou objeto de pesquisa na produção histórica e historiográfica em Moçambique: revista tempo

Maria Isabel Moura Nascimento, Gilberto Daniel Rafael

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.12386>

Submetido em: 2025-06-25

Postado em: 2025-07-24 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

A FOTOGRAFIA COMO FONTE E/OU OBJETO DE PESQUISA NA PRODUÇÃO HISTÓRICA E HISTORIOGRÁFICA EM MOÇAMBIQUE: REVISTA *TEMPO*

MARIA ISABEL MOURA NASCIMENTO¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6243-9973>

[<misabelnasc@gmail.com>](mailto:misabelnasc@gmail.com)

GILBERTO DANIEL RAFAEL²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5448-5520>

[<grafael@unirovuma.ac.mz>](mailto:grafael@unirovuma.ac.mz)

¹ Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, Paraná (PR), Brasil.

² Universidade Rovuma. Nampula, Nampula (NPL), Moçambique.

RESUMO: Tem-se como objetivo nesta pesquisa, analisar a fotografia como fonte e/ou objeto de pesquisa na imprensa em Moçambique. Embasado na perspectiva teórica do materialismo histórico-dialético, assente em Marx e Engels, abordar a fotografia nos permite realçar a partir dela as contradições no modo de vida na sociedade moçambicana e, igualmente, pela investigação apresentar a realidade contrastante presente nos discursos expressos de sujeitos na sociedade com poder e detentores do capital e dos meios de produção face os interesses subjacentes. Para isso, fez-se um levantamento bibliográfico sobre a produção científica de autores moçambicanos em torno do assunto e, igualmente, capitalizou-se a análise da Revista *Tempo*, de Moçambique, com foco na fotografia. Conclui-se que a fotografia abre infinitas possibilidades interpretativas e de compreensão da realidade a partir da imprensa enquanto fonte e/ou objeto de pesquisa, retratando factualmente e desafiando ou não a escuridão das mentes e abrindo a consciência para uma realidade por vezes nua, crua e contraditória nas relações sociais onde interesses conflitantes ou não se revelam nela em face à realidade social, sobretudo, no campo da educação.

Palavras-chave: fotografia, história da educação, imprensa em Moçambique, revista tempo.

PHOTOGRAPHY AS A SOURCE AND/OR OBJECT OF RESEARCH IN HISTORICAL AND HISTORIOGRAPHICAL PRODUCTION IN MOZAMBIQUE: TEMPO MAGAZINE

ABSTRACT: The aim of this research is to analyze photography as a source and/or object of research in the press in Mozambique. Based on the theoretical perspective of historical-dialectical materialism, based on Marx and Engels, to approach photography allows us, to highlight from photography the contradictions in the way of life in Mozambican society and, and also through research, to present the contrasting reality present in the expressed discourses of subjects with power, holders of capital and means of production in society, in the face of underlying interests. For this purpose, a bibliographic survey about scientific production of Mozambican authors around the subject was carried out and also the analysis of the *Tempo* magazine from Mozambique, was capitalized. It is concluded that photography opens infinite possibilities of interpretation and understanding of reality from the press as a source and/or object of research, portraying factually and challenging or not the darkness of minds and opening consciousness to a reality that is sometimes naked, raw and contradictory in social relations where conflicting interests or not are revealed in it in the face of social reality, especially in the field of education.

Keywords: photography, history of education, press in Mozambique, tempo magazine.

LA FOTOGRAFÍA COMO FUENTE Y/O OBJETO DE INVESTIGACIÓN EN LA PRODUCCIÓN HISTÓRICA E HISTORIOGRÁFICA EN MOZAMBIQUE: REVISTA TEMPO

RESUMEN: El objetivo de esta investigación es analizar la fotografía como fuente y/o objeto de investigación en la prensa en Mozambique. A partir de la perspectiva teórica del materialismo histórico-dialéctico, basado en Marx y Engels, el abordaje de la fotografía nos permite poner de manifiesto desde la fotografía las contradicciones en el modo de vida en la Sociedad mozambiqueña y, también a través de la investigación, presentar la realidad contrastante presente en los discursos expresados de los sujetos de la sociedad con poder y poseedores de capital y medios de producción frente a intereses subyacentes. Para ello, se realizó un relevamiento bibliográfico sobre la producción científica de autores mozambiqueños sobre el tema y también, se capitalizó el análisis de la revista *tempo*, de Mozambique con enfoque en fotografía. Se concluye que la fotografía abre infinitas posibilidades de interpretación y comprensión de la realidad desde la prensa como fuente y/u objeto de investigación, retratando de manera fáctica y desafiando o no la oscuridad de las mentes y abriendo la conciencia a una realidad a veces desnuda, cruda y contradictoria en las relaciones sociales donde en ella se revelan intereses contrapuestos o no frente a la realidad social, especialmente en el campo de la educación.

Palabras clave: fotografía, historia de la educación, prensa en Mozambique, revista tempo.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, objetiva-se analisar a fotografia como fonte e/ou objeto de pesquisa na imprensa em Moçambique. Para o efeito, recorreu-se à análise de fotografias da Revista *Tempo* de Moçambique, ainda que se reconheça que “o uso da fotografia como fonte histórica ainda é pouco explorado na área da educação” (Franco, 1993, p. 28). Desse modo, reconhecendo seu papel na compreensão e (re)escrita dos fatos, eventos e fenômenos sociais, consequentemente considerando-a como uma ferramenta poderosa para a produção da história e historiografia de um povo numa dada sociedade, ela é útil e simbólica, uma vez que através da fotografia pode-se “[...] escrever (grafia) com a luz (foto)” (Sousa, 2002, p. 37).

Nesse contexto, reconhecer que a fotografia não é essência, mas aparência que possibilita, por meio de sucessivas indagações e aproximações, o desvelar da realidade em face à totalidade inerente a ela, espelhada pelas múltiplas imagens que sequenciadas retratam o modo de vida da sociedade no modo de produção. Um dado importante a considerar é que: “[...] os fundamentos da fotografia mudaram desde a sua criação. Do surgimento da fotografia a cores até a fotografia digital, eles evoluem acompanhando técnica da mesma” (Barata, 2014, p. 96).

Atualmente, há um entendimento de que mais do que o fato de a fotografia estar sujeita a múltiplas interpretações, como o fotojornalismo, que “[...] alterou essa relação com os fatos testemunhados ao introduzir nela a perspectiva humana. É essa perspectiva que liga o autor ao acontecimento, a perspectiva técnica liga o autor à câmera fotográfica que se exprime no enquadramento, no contraste [...]” (Barata, 2014, p. 96). A perspectiva técnica vai variar consoante a destreza manual ou recorrendo a tecnologias mais avançadas de suporte, captação e tratamento de imagem fotográfica.

Hodiernamente, a qualidade editorial “dos jornais moçambicanos são o único foco das discussões em seminários e palestras sobre o jornalismo nacional. O fotojornalismo, parte importante do jornalismo impresso, é relegada ao esquecimento” (Barata, 2014, p. 96). Essa realidade aqui trazida, resulta, de certa forma, de uma lacuna a nível da produção científica nos programas de pós-graduação, no âmbito das pesquisas tendo a imprensa como fonte e/ou objeto de estudo, voltadas a discussões sobre a fotografia na produção da história e historiografia, sobretudo, nas ciências sociais e humanas. Como corolário, “[...] alguns meios acadêmicos da área de comunicação consideram que o fotojornalismo não é jornalismo, defendendo-se com o principal argumento de que o fotojornalista não produz notícia” (Barata, 2014, p. 96). Note-se que “[...] a finalidade primeira do fotojornalismo, entendido de uma forma

lata, é informar” (Sousa, 2002, p. 8). Em sentido restrito, distingue-se fotojornalismo (confrontando-se no dia a dia com serviços inesperados ou cuja pauta só toma conhecimento na chegada ao posto de trabalho), do fotodocumentalismo (voltado ao projeto fotográfico), pelo tipo de trabalho.

Adotando-se uma perspectiva teórico metodológica marxista, em Marx e Engels foi efetuada uma revisão bibliográfica com a finalidade de perceber o que, até o presente foi produzido sobre a fotografia como fonte e objeto de pesquisa na história e historiografia da educação moçambicana. Verificou-se que, ainda que seja uma temática pouco explorada, já existem encaminhamentos de produções voltadas à abordagem sobre a fotografia e imprensa de forma ainda insipiente. Destaque-se a produção de autores moçambicanos, como são os casos de Pereira (2021) centrando-se no capital, império e fotografia; Barbosa & Barata (2014) abordando nesta era digital sobre a fotografia de imprensa em Moçambique; Silva et. al. (2015, p. 6) em seu texto, Moçambique Ntiyisso, destaca o funcionamento da imagem como fonte; Chilingue (2023), que trata da análise da qualidade da fotografia jornalística na imprensa escrita moçambicana, destacando os semanários “savana” e “Canal de Moçambique”, ambos cuja gênese se enquadra no período multipartidário, isto é, 1990 até aos nossos dias. Igualmente, explorada a produção de autores estrangeiros que abordam a questão da fotografia no contexto moçambicano, como é o caso de Triana (2017a, p. 37) em sua temática sobre arquivos e imagens (pós) coloniais: contribuições analíticas sobre duas coleções fotográficas; Triana (2017b, p.273) voltada à temática da imagem como memória: fotografia e história em Moçambique; Triana (2023) focando-se nos restos de passados, fragmentos de histórias, memórias, temporalidade e cidade nas fotografias de Ricardo Rangel (1950-1975) e, Triana (2023, p. 273) abordando sobre rastros, ruínas e decadência: contribuições para uma antropologia dos arquivos.

A imprensa moçambicana tem feito uso da fotografia como forma de sustentar suas informações ou retratar a realidade com intuito de formar e informar a opinião pública de modo geral. Na abordagem sobre a fotografia, há que ter presente uma divisão que varia entre: as fotografias jornalísticas, com ligação ao texto, independentemente se se trata de matérias, reportagens ou colunas, e as fotografias publicitárias que se encontram nos anúncios veiculados pela imprensa (Tavares & Vaz, 2005, p. 125).

A utilização da fotografia nos impressos escritos, sejam eles revistas e jornais, ou nas mídias digitais para trazer ao domínio público a imagem do que se passa na sociedade não pode se dizer que esteja carregado de neutralidade e imparcialidade. Ainda assim, em um levantamento preliminar, assume-se que a fotografia não fala por si só, é preciso compreender o cenário que foi montado para esse momento, isto é, a fotografia nem sempre corrobora com a essência dos fatos, eventos e fenômenos visados, o que exige do pesquisador que lida com a imprensa um olhar crítico e um posicionamento ontológico e desse modo possibilitando a “[...] pesquisa da verdade a serviço dos trabalhadores [...]” (Netto, 2011, p. 11).

Voltando-se especificamente para a revista *Tempo* nesta pesquisa, observa-se que o projeto editorial da revista “[...] avalia e define as questões clássicas: para quem? Sobre o quê? Com qual periodicidade? Quais os custos?” (Guaraldo, 2012, p. 19) o que nos permitiu verificar entre outras coisas que esta revista *Tempo* era direcionada a um público letrado (e não letrado através das páginas periscópio onde apresentam-se figuras humorísticas criticando a realidade, fatos e fotos onde as fotografias de imprensa falam por si retratando fatos da realidade social para a reflexão de todos, gazeta de artes e letras onde a arte vale mais que mil palavras sobre acultura de um povo, objetiva retratando por meio de fotografia de imprensa um fato social marcante e que merece destaque e humor reservada a banda desenhada) tanto no campo como nas cidades, um público leitor nacional e internacional uma vez que era de distribuição nacional nas instituições públicas e privadas mediante assinatura e estando disponível nas bancas ao custo de 3000,00 meticais no início da década 90 tendo chegado a custar 10 000,00 meticais nos finais da década 90. O projeto editorial desta revista mostrou estar direcionado ao público com alguma renda pois não era uma revista de distribuição gratuita. Note-se que é o projeto editorial que através das notícias sobre educação, saúde, meio ambiente, agricultura, segurança entre outros veiculava informações de acordo com sua linha editorial pró estatal portanto não podendo ser vista como uma revista independente na escolha dos conteúdos, nas imagens de imprensa e na linguagem que era utilizada. Em relação ao projeto gráfico nota-se que em termos de design e a diagramação da revista ela tem tons coloridos sendo que o nome da revista *Tempo* vem a vermelho, os títulos e subtítulos adotando vermelha,

branca ou preta na capa e no interior preta. Privilegiando-se fotografias cores e em casos excepcionais a preto branco.

Esta revista de caráter multidisciplinar abordou questões de varia ordem, desde os assuntos sociais, políticos, econômicos até aos culturais com uma tiragem semanal; o projeto gráfico da revista *Tempo* na década 90 esteve imerso na disputa entre a independência da revista e a alienação ao Estado e detentores de capital face aos interesses comerciais para sobrevivência através das vendas e publicidades nas suas páginas tencionando seus valores e valores das marcas anunciadas em função do público destinado, a posição política da revista *tempo* era pro governamental nos anos 1990.

HISTORIAL DA FOTOGRAFIA NA IMPRENSA EM MOÇAMBIQUE

Em Moçambique, a fotografia nasce num ambiente positivista. E ela é vista como um registo visual da verdade de modo geral, sendo utilizada pela imprensa, nesse ambiente (Sousa, 2002). Em função de determinadas mediações, isto é, “a especificidade histórica do fenómeno. A mediação se situa no campo dos objetos problematizados nas suas múltiplas relações no tempo e no espaço, sub a ação dos sujeitos sociais” (Ciavatta, 2012, p. 37), certos acontecimentos podem ser considerados relevantes em prejuízo de outros, reconhecendo, nesse contexto, a fotografia como uma produção histórica, de vivências, experiências em função de acontecimentos coletivos no modo de produção social.

Com relação ao fotojornalismo, “pode situar-se na Alemanha o nascimento do fotojornalismo moderno. [...] A forma como se articulava o texto e a imagem nas revistas ilustradas alemãs dos anos vinte permite que se fale com propriedade em fotojornalismo” (Sousa, 2002, p. 17).

A nível global, a primeira revolução do fotojornalismo se dá no pós-segunda guerra mundial em face aos conflitos e ao crescimento da importância das agências fotográficas e serviços fotográficos das agências. A segunda revolução acontece nos anos sessenta marcada pelo envolvimento dos Estados Unidos da América na guerra do Vietnã, depois de já ter irrompido nos anos cinquenta a guerra da Coreia. Realce se dá ao recurso pela comunicação social as concepções do jornalismo sensacionalista. A terceira revolução do fotojornalismo se verifica no início dos anos noventa com mudanças a um ritmo frenético (Sousa, 2002).

Compreender o historial da fotografia na imprensa é fundamental face ao modo de produção na sociedade moçambicana. Olhando para as relações sociais que se estabelecem no seio dos fotojornalistas na imprensa, pode-se depreender que desenvolvem-se relações que se estreitam, sobretudo, com maior ênfase entre os que atuam no campo privado, entre si, e público, com maior incidência ainda que não se descure relações entre os dois campos na partilha de imagens, uma vez que “[...] os fotojornalistas necessitam de reunir intuição e sentido de oportunidade quer para determinarem se uma situação (ou um instante numa situação) é de potencial interesse fotojornalístico, quer para avaliarem eticamente, quer ainda para a representarem fotograficamente” (Sousa, 2002, p. 10).

Nesse contexto, ainda que sejam escassos os historiadores moçambicanos que fazem o uso da fotografia como evidência, ela se apresenta como uma possibilidade real para a efetivação de pesquisas em história e historiografia em Moçambique.

Do leque desses historiadores destacamos: Mia Couto – escritor, jornalista, biólogo e professor universitário; Paulina Chiziane – escritora voltada à valorização da mulher negra; João Paulo Borges Coelho – historiador, professor e escritor; Raul Alves Calane da Silva (1945-2021) – poeta, escritor e jornalista; Ungulani Ba Ka Khosa – escritor e historiador – esses procuraram evidenciar que aquela era a realidade da sociedade moçambicana no período antes da colonização, durante a colonização, especialmente no período da Luta Armada de Libertação Nacional, e no pós-independência nacional de Moçambique.

Lidar com a fotografia de imprensa passa necessariamente por o pesquisador desenvolver uma habilidade crítica, ciente de que “o pensamento crítico é aquele que não fica na aparência, mas utiliza critérios de discernimento que se referem a vários aspetos de uma questão, que “desatam nós”, mostram aspetos não evidentes, não revelados” (Ciavatta, 2020, p. 6).

A fotografia aparece na imprensa como evidência e, em muitos casos, reforçando o papel dos heróis da luta Armada de Libertação Nacional, na construção da nação moçambicana e da identidade nacional, mostrando as ações levadas a cabo pelo Governo em diferentes áreas: educação, saúde, agricultura, segurança etc. igualmente como uma ferramenta de construção de memórias em defesa da unidade nacional.

A utilização de fotografias por parte destes historiadores, muitas vezes, esteve associada à apresentação dos heróis da pátria, “[...] figuras históricas cujos atos e vontades não são condição suficiente para a heroificação” (Ribeiro, 2005, p. 273). Tal visão resulta do fato de, a título de exemplo, “[...] Ngungunhane e de Eduardo Mondlane, foi preciso que aqueles que têm autoridade, para definir e colocarem em prática, políticas de identidade decidissem proceder ao trabalho, inevitavelmente porfioso, de os transformar em heróis” (Ribeiro, 2005, p. 273). Nesse contexto, nesta pesquisa valoriza-se a fotografia de imprensa, a fotojornalismo, como instrumento de análise crítica da realidade social.

O USO DA FOTOGRAFIA NA IMPRENSA NO PERÍODO COLONIAL

A utilização da fotografia em Moçambique remonta ao tempo colonial. Na virada do século XIX para o XX, Portugal implementa sistemas tecnológicos nas suas colônias, especificamente Moçambique e Angola, por meio de diferentes companhias privadas. Tais companhias tomaram a decisão de preservar para o futuro as atividades desenvolvidas através da fotografia (Pereira, 2021). Um dado interessante que colabora com o uso da imagem foi a partir da segunda metade do século XIX, em que os luso-chineses chegam a Moçambique na década 1950, como eram pessoas qualificadas como comerciantes, os luso-chineses começam a se notabilizar no campo da fotografia.

A utilização da fotografia na imprensa em Moçambique está associada ao histórico do jornal *Notícias* - “[...] o mais antigo do país, circulando desde 1926, consta que a 02 de fevereiro de 1929, o periódico tornou-se o primeiro, em todas as colônias portuguesas, a inserir uma fotografia, fato considerado histórico na altura por significar uma evolução tecnológica ímpar na região” (Chilingue, 2023, p. 35). Todavia, fontes diversas, escritas e/ou orais da esfera jornalística afirmam de forma unânime que o pioneiro do fotojornalismo moçambicano é o fotojornalista Ricardo Rangel, nascido na cidade de Lourenço Marques, atual Maputo, em 1924, tendo iniciado sua relação com a fotografia na metade dos anos 1940 exercendo as funções de auxiliar num estúdio em Lourenço Marques. Tendo, posteriormente, sido contratado pelo jornal *Notícias da tarde* em 1952 (Triana, 2017b). Ricardo Rangel é considerado precursor do fotojornalismo em Moçambique (Saúte, 2014 como citado em Triana, 2023, p. 151).

A fotografia de imprensa, que não obstante a sua publicitação como um instrumento objetivo visando o registo de parte da realidade, considera-a uma atividade excessivamente subjetiva, podendo ter uma função útil e igualmente simbólica.

A fotografia de imprensa nos remete a um universo de sensações em função das nossas experiências de vida, num misto de emoções que a imagem fotográfica de imprensa produz no olhar entre a realidade presente e o passado. A fotografia de imprensa pode revelar “[...] um emaranhado de temporalidades, restos de passados e fragmentos de histórias plurais que se coadunam no presente, tencionando-o” (Triana, 2023, p-145). A partir disso, argumentamos que a fotografia nos possibilita (re)leituras síncronas e diacrônicas da realidade em face à história e suas mediações entre o social, o cultural, o econômico e o político, considerando os contextos presentes nos fragmentos, sendo, conseqüentemente, em face às memórias e narrativas coletivas.

A utilização das imagens fotográficas nas colônias, sobretudo em Moçambique e Angola, com destaque para as empresas geridas por portugueses (Companhia Através d'África, Companhia de Moçambique, Companhia de Benguela e Delagoa Bay Company), permitiu evidenciar o “progresso” difundido com recurso da fotografia, desse modo documentando a europeização territorial, a eficácia das ligações marítimas pelos oceanos e o compromisso com a globalização nos finais do século XIX e início do século XX. A fotografia se tornou nesse contexto o braço direito dos engenheiros na difusão do progresso (Pereira, 2021). Nesse contexto, pode-se depreender que a fotografia se tornou um elemento ilustrativo e simbólico.

A fotografia produzida pelas companhias portuguesas que exploravam a terra e os recursos nas colônias, sobretudo Moçambique, visava estabelecer uma hierarquia civilizacional entre o colonizador-civilizado e o nativo-selvagem/primitivo, desse modo justificando de todas as formas as missões civilizacionais da empreitada europeia do colonizador; nesse sentido, a fotografia captaria os esforços pela civilização; igualmente captando e publicitando o mito de um sistema europeu achado universal, onde o trabalho forçado resultaria em benefício ao negro (Pereira, 2021).

A fotografia, na lupa do europeu colonizador, testemunharia e colocaria a nu os esforços civilizatórios alicerçados na supremacia do homem branco, europeu e colonizador sobre o homem negro africano e “selvagem”, “ignorante”, “indígena”, ou seja, sobre o nativo. Todavia, a mesma fotografia, aos olhos do nativo forjava a esperança pela libertação das amarras. Dessa forma, o sentido e os significados que a fotografia encerra estão atrelados ao lugar do/no olhar e suas raízes.

Se essa era a realidade na Moçambique colonial, notamos que, no período pós-independência nacional, segundo Chilingue (2023), a fotografia esteve presente na imprensa em Moçambique.

A utilização da fotografia na imprensa no período pós-independência nacional em Moçambique é um dado adquirido. Se por um lado a fotografia visa informar, evidenciando fatos observáveis na sociedade, nota-se que nem sempre ela foi e é empregada com essa intenção, muitas vezes por desconhecimento técnico, de alguma forma. Em algumas edições, reportagens e colunas, na imprensa, por exemplo, a fotografia é colocada para preencher os espaços vazios informativos, ilustrando. O tamanho da fotografia era, muitas vezes, condicionado pela ausência de informação sobre um conteúdo informativo necessário, a ser explorado futuramente, para evitar vazios e compensar a exploração de espaços em textos curtos.

Numa perspectiva comparativa, qualitativa, em relação ao material fotográfico publicado na imprensa “[...] nos primeiros 15 anos, após a independência de Moçambique com o de hoje, é positivo dizer que apesar do uso de tecnologia digital o fotojornalismo moçambicano, atual, está em franco declínio” (Barata, 2014, p. 97). Tal declínio advém do uso da fotografia digital que hodiernamente oferece simplicidade de captação, edição, tratamento e utilização na imprensa e não só. Podemos destacar igualmente o fraco investimento técnico nos recursos humanos que lidam com a produção fotográfica na imprensa, ao mesmo tempo que se investe paulatinamente em equipamentos mais modernos.

FOTOGRAFIA COMO FONTE E/OU OBJETO DE PESQUISA

Na abordagem relativa ao fotojornalismo moçambicano destaca-se Ricardo Rangel que, na década de 1980, em Moçambique, funda o Centro de Documentação e Formação Fotográfica (CDFF) e a Associação dos Fotógrafos Moçambicanos (AFM) (Triana, 2017 como citado em Chilingue, 2023).

A utilização da fotografia para a documentação de eventos históricos e culturais não é algo novo na imprensa, pois continua sendo imprescindível para ilustrar e evidenciar acontecimentos na comunidade em particular e na sociedade de modo geral, uma vez que “a fotografia redefine o conteúdo de nossa experiência cotidiana e acrescenta vastas quantidades de material (pessoas, coisas, eventos etc.) que jamais chegamos a ver ou presenciar” (Tavares & Vaz, 2005, p. 126).

Há que ter presente que, “[...] no jornal, as imagens funcionam como ponte entre o acontecimento e o leitor, permitindo a esse imaginar o cenário e de alguma forma a ação que ali ocorre” (Tavares & Vaz, 2005, p. 125). A existência dessa ponte não impede que haja interpretações distintas sobre a imagem de sujeito para sujeito. Nesse contexto, Pereira (2000), considera que na interpretação das imagens fotográficas há que relacioná-las com o conjunto de estratégias discursivas da imprensa.

Na atualidade, com recurso a tecnologias digitais mais modernas, que oferecem excelentes qualidades de imagem e de alta definição, a percepção técnica sobre a fotografia alterou-se. Pode-se dizer que a fotografia analógica deu lugar à digital com reflexos sobre as habilidades técnicas exigidas do sujeito que manuseia hodiernamente a máquina ou equipamento fotográfico. Daí que “[...] dominar as linguagens, técnicas e equipamentos fotográficos permite a qualquer profissional da comunicação usar expressivamente a fotografia [...]” (Sousa, 2002, p. 5).

Não se pode ignorar o fato de que na atualidade “a fotografia digital e os progressos nas telecomunicações e na informática trouxeram ao fotojornalismo grande potencialidades no que respeita à velocidade, à maneabilidade e à utilização da fotografia em diferentes meios e contextos” (Sousa, 2002, p. 5).

A utilização da fotografia como fonte e/ou objeto de pesquisa nos permite compreender parte da realidade cotidiana na sociedade moçambicana e, desse modo, recuperar a história de um povo através do que é retratado nelas, considerando-se as questões visuais, bem como as questões textuais presente nas mensagens na legenda delas.

Um dado importante a considerar é que “tentar conhecer um objeto por sua fotografia é como lidar, simultaneamente, com a multiplicidade de olhares dos sujeitos envolvidos no ato de fotografar, no ato de se deixar fotografar e na ação de, pelo próprio olhar, compreender a realidade da imagem e a imagem da realidade” (Franco, 1993, p. 29).

A fotografia no contexto da pesquisa em história e história de educação possibilita a produção do conhecimento, pois “o exercício de compreensão da fotografia como fonte de pesquisa, além dos dados básicos de identificação, contexto e análise, dos aspectos formais, supõe conhecer os processos sociais que constituem a história real e seus relatos” (Ciavatta et. al., 2023, p. s/p), o que a torna um importante material na esfera da pesquisa em história.

A fotografia, enquanto objeto e/ou fonte de pesquisa, permite-nos investigar parte da realidade social, considerando-se a dimensão temporal e espacial ainda que se reconheça que no passado “existia um certo preconceito com a utilização da fotografia como fonte histórica ou documento de pesquisa [...], entretanto, a parte de tais dificuldades, foi considerado viável realizar investigações cuja documentação é integrada por fotografias” (Ciavatta et. al., 2023, p. 51). Todavia, o uso da fotografia como fonte e/ou objeto de pesquisa, encerra alguns desafios inerentes à capacidade do pesquisador relacionar de forma eficaz o que é retratado com a realidade vivenciada pelo povo: os sorrisos, se de alegria ou de tristeza; o olhar, se de esperança ou de dor e resignação, ou seja, as condições de vida em face ao que é retratado e expresso na fotografia de imprensa. Fotografias de imprensa, genuínas, são imprescindíveis, sobretudo por não serem manipuladas, condição necessária para sua inclusão e validação como fonte e/ou objeto de pesquisa.

Nas pesquisas em que se utiliza a fotografia, há que ponderar sobre o assunto, o fotógrafo, a tecnologia; sobre a fotografia em si; o espaço e tempo; a essência do fenômeno fotográfico e a gênese do documento imagético (Hoffmann, 2015). A utilização de fotografias manipuladas só encontra fundamento se servir de forma comparativa para mostrar, criticar e realçar a utilização da imprensa, para veicular ideias a favor de uma ideologia de uma classe burguesa que recorre a outros meios, não éticos, para fazer prevalecer suas ideologias e se manter no poder. E, desse modo, perpetuar as mazelas da classe proletária.

Nesse contexto, cabe ao pesquisador que recorre à fotografia como objeto e/ou fonte de pesquisa, possuir uma base teórica muito forte da história do povo ou da sociedade, sobretudo considerando-se os eventos, fatos e/ou fenômenos em estudo, de modo a, a partir deles, apreender a totalidade na produção em história e historiografia da educação, uma vez que “[...] a imagem comunica. Mesmo sendo invariavelmente muda, ela sempre expressa, sempre significa” (O'Donnell, 2004, p. 192). A imagem fotográfica possibilita “viajar” no tempo-espaço e, desse modo, possibilita apreensão de parte da realidade dos acontecimentos na história de vida de um povo, retratando as relações sociais no modo de produção determinado, ciente de que “as imagens são parte da totalidade social a que pertencem, atribuindo-lhes forma e significado social” (Ciavatte et. al., 2023, p. 59). Assim sendo, a imagem fotográfica ganha vida na abstração trazendo consigo o retrato de parte da realidade concreta fortalecendo o entendimento de parte da totalidade social pesquisada.

Aliar a utilização de imagem a evidências de outros tipos e o desenvolvimento de métodos que visam criticar as fontes se mostra premente por parte dos historiadores (Burke, 2004), justificando-se o uso da fotografia no estudo da história e historiografia da educação.

Qualquer que seja o viés da pesquisa, a fotografia abre-nos a possibilidade de obter dados e produzir informação que nos possibilite a partir da aparência ir ao encontro da essência através de um exercício reiterado de múltiplas e sucessivas indagações inerentes ao objeto pesquisado na e por meio da fotografia, certos de que:

Os pressupostos de que partimos não são pressupostos arbitrários, dogmas, mas pressupostos reais, de que só se pode abstrair na imaginação. São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas como as produzidas por sua própria ação” (Marx & Engels, 2007, p. 14).

A fotografia enquanto fonte e/ou objeto de pesquisa entre a investigação e apresentação dos resultados na pesquisa em história e historiografia da educação deve estar atrelada às condições materiais de vida na sociedade. Através da fotografia, abre-se a possibilidade de “apreensão de significados que as formas de reprodução da vida têm para a existência humana” (Marx & Engels, 2007, p. 14), no espaço-tempo e, desse modo, contribuir para a história e historiografia da educação. A fotografia, enquanto fonte e/ou objeto de pesquisa, traria ao de cima as contradições de parte da totalidade social, retratando “a produção e a reprodução das condições de existência dos homens” (Marx & Engels, 2007, p. 14), questionando-se através das diversas interpretações e significados os acontecimentos no espaço-tempo de análise.

Nesse contexto, a fotografia deve ser compreendida a partir “[...] de duas linhas de investigação: como artefato e como registro visual” (Hoffmann, 2015, p. 49). Desse modo, a compreensão da fotografia a partir dos diferentes significados que encerra dentro de si, possibilita e encaminha-nos para a produção do conhecimento em história e historiografia da educação.

Tal compreensão se materializa a partir da clareza sobre os fatos numa realidade contraditória, ciente de que “as contradições são inerentes aos fatos do passado, assim como do presente e suas perspectivas de futuro” (Ciavatta, 2024, p. 5). As contradições na sociedade moçambicana podem ser retratadas e analisadas através da fotografia que mostra a aparência da igualdade social, expondo as tensões advindas das limitações ou (im)possibilidades de acesso aos recursos, aos meios de produção e, sobretudo, no acesso as mais valias resultantes da produção em face aos grupos e/ou classe de pertença dos sujeitos retratados nas fotografias.

Os historiadores devem permitir a utilização da fotografia de imprensa como evidencia a semelhança do que tem sucedido com os textos e fatos políticos ou econômicos. Devem trabalhar com arquivos fotográficos da mesma forma que trabalham com documentos que se encontram em repositórios (Burke, 2004).

A utilização da fotografia de imprensa enquanto fonte deve possibilitar estudar determinado objeto dentro da área do saber e, de contrário, enquanto objeto de pesquisa deve trazer respostas às inquietações do pesquisador por meio de sucessivas indagações e aproximações no estudo da fotografia.

A utilização da fotografia como fonte e/ou objeto carece da observância de alguns passos fundamentais: identificar o significado; relacionar criticamente o significado da fotografia com o título e texto correspondente; estabelecer o enquadramento/recorte temporal e espacial da fotografia; situar/relacionar a fotografia com o objeto e campo de estudo; determinar a metodologia adequada para a pesquisa, considerar a linguagem utilizada pela imprensa na expressão icônica, escrita e composição; considerar a necessidade de classificação da fotografia; realizar uma análise contextualizada, considerando os contextos social, político e cultural, bem como, aspetos de ordem diacrônico e sincrônico; partir da aparência para a essência através de múltiplas aproximações: para tal é fundamental questionar sempre, problematizar sempre tendo por base os conhecimentos adquiridos sobre o objeto de estudo.

Estes passos não esgotam em si as possibilidades de ultrapassar as mais variadas interpretações objetivas ou subjetivas que recaem sobre a fotografia a partir da imprensa e não só. Sendo passos preliminares, há que indagar sobre a ideologia, os interesses defendidos e perseguidos pela imprensa e/ou fotojornalista, a independência, a objetividade e a imparcialidade do impresso em face à influência dos poderes públicos quando se propõem a utilizar a fotografia como fonte e/ou objeto de estudo, salvaguardando-se a reconstituição histórica a partir dos dados e elementos disponíveis no espaço e tempo em face à realidade a ser estudada.

CASO DE ESTUDO: REVISTA *TEMPO* EM MOÇAMBIQUE

A realização desta pesquisa combinando o levantamento bibliográfico que englobou teses e artigos que abordam sobre a fotografia, produzidos por autores sobretudo moçambicanos em Moçambique e não só, mas recorrendo também ao estudo documental (Revista *Tempo*¹). A fotografia tem suas singularidades e limites que não respondem à realidade concreta, ela precisa ser desvelada, pois retrata apenas um determinado ângulo. Entre a abstração e a realidade concreta, a fotografia ilumina-nos no caminho entre passado e presente, e vice-versa. A riqueza da fotografia reside na ativação de memórias, no resgate de fragmentos de memórias e na construção da totalidade de memórias e, claro, que não significa que entre tais fragmentos ativados não existam vazios intra fotografia de imprensa e inter fotografia de imprensa, lacunas, ou seja lá o que denominemos diante da experiência coletiva.

O importante é que a fotografia oferece (re)leituras no âmbito da pesquisa em história e historiografia da educação abrindo possibilidades de pensar historicamente, isto é, “[...] buscar compreender a realidade nas múltiplas mediações que a constituem, identificar seus sujeitos sociais, no espaço-tempo em que trabalham, vivem e se educam para a vida social em toda a sua complexidade” (Ciavatta, 2020, p. 8).

A utilização da fotografia como fonte e/ou objeto deve despertar no pesquisador o senso crítico sobre “o que estou vendo e o que não estou vendo” considerando a realidade material, o modo de produção na sociedade em estudo. Importa que não se tome a fotografia como tudo, mas como parte de uma totalidade pesquisada e respectivas mediações.

A fotografia pode colaborar como fonte para história da Educação e “[...] deve sempre dialogar com outras áreas do conhecimento, para que haja uma compreensão mais ampla e abrangente, ou seja, não basta abordar apenas documentos oficiais, é necessário buscar imagens, escritos, relatos e dados marginais” (Silva et. al., 2015, p. 6). Abrindo-se, assim, um leque de possibilidades para a obtenção de dados e a produção de informação para a área.

Ao longo da pesquisa, foi possível verificar que a utilização da fotografia nas notícias jornalísticas constitui uma realidade ainda recente em Moçambique. Na imprensa em geral, na atualidade “[...] a fotografia é a forma de representação visual mais utilizada, para além dos recursos gráficos (*layout*, tipografia, cores etc.), a fotografia salta aos nossos olhos, como mensagem, como texto visualmente relevante e carregado de sentido” (Tavares; Vaz, 2005, p. 125). Todavia, tal utilização não pode ser considerada eficaz uma vez que constata alguns problemas em termos de apresentação de legenda ou título, fruto, muitas vezes, da desconexão entre imagem fotográfica e sua legenda e/ou título respectivo.

Reconhece-se que “[...] a legenda seja crucial no entendimento da fotografia jornalística, nem sempre ela acompanha notícias publicadas nos semanários impressos moçambicanos” (Chilingue, 2023, p. 17). Uma boa legenda, harmonizando imagem fotográfica e seu significado é desejável.

Isso deve-se ao fato de os acontecimentos a serem retratados na imprensa impelem a que imagem, mensagens e significado converse harmoniosamente, uma vez que “[...] não existe fotojornalismo sem texto” (Sousa, 2002, p. 76), tornando o texto um componente indispensável quando se trata de fotojornalismo ao retratar parte da realidade e suas mediações na sociedade.

O texto no fotojornalismo procura chamar a atenção para a complementação de informação que se pretende transmitir com a fotografia, ancorada no significado da imagem, procurando transmitir o que ela representa e conotar a fotografia atribuindo significados diversos e, finalmente, analisar, interpretar e/ou comentar a fotografia e/ou o seu conteúdo (Sousa, 2002).

A essa realidade, acrescenta-se o fato de observar nos periódicos a existência de fotografias com tamanho reduzido, além da questão da desatualização e fraca qualidade das mesmas (Chilingue, 2023), o que põe em causa os objetivos ou propósitos que se pretendem alcançar com a imagem. Uma vez que fotografar é arte, ela exige atenção e o resultado depende do olhar do fotógrafo objetivamente e, sobretudo, da destreza técnica do artesão, o fotógrafo.

É possível depreender que a qualidade das fotografias utilizadas pela Revista *Tempo* não pode ser considerada das melhores em alguns casos. Isso justifica-se pelas constatações no material publicado,

¹ A Revista *Tempo* foi a primeira a usar imagem colorida na imprensa moçambicana. Era através da imagem que as pessoas liam as informações já que a maioria era analfabeta ou não falava a língua portuguesa no período colonial e nos primeiros anos no pós-independência nacional.

em que a impressão preliminar que se tem é de uma possível fraca destreza técnica ao operar a câmera, o que pode estar associado a limitações técnicas possíveis de suprir não só pelo treinamento, mas por uma formação em fotojornalismo. O grande desafio para os fotojornalistas reside no enquadramento de imagens por forma a que sejam nítidas e destaquem o essencial que se pretende transmitir com a foto presente na revista. Essas possíveis falhas, levam o leitor a uma dispersão do foco a que se quer atingir pela fotografia e, conseqüentemente, desinteresse pela informação.

Na Revista *Tempo*, nas edições que foram sujeitas a um tratamento, deu-se primazia aos seguintes fatos que marcam a história dos homens na sociedade moçambicana: o comércio informal e a questão agrária a luz do lugar da educação na sociedade uma vez que “as fotografias evidenciam a aparência dos objetos, pessoas e fenômenos, sua representação. Mas estão ocultos os múltiplos processos sociais, as mediações que constituem o objeto representado na sua totalidade” (Ciavatta, et. al., 2023, p. s/p). Da aparência à essência na busca da totalidade, a fotografia aparece como evidência nas narrativas e discursos políticos anos após ano, (re)ativando memórias coletivas do povo moçambicano e (re)construindo memórias na nação independente.

A fotografia dos heróis anônimos, símbolo de luta de famílias na pátria moçambicana, aparece para promover o trabalho e a resiliência ao mais alto nível e estando carregada de simbolismo, realçando o sacrifício consentido em prol de milhares de crianças, jovens e adultos nas zonas urbanas e suburbanas.

Portanto, a fotografia encerra e está impregnada de uma forte carga sociocultural, de desafios sociopolíticos e econômicos, avivando a memória coletiva. Nesse contexto, a fotografia encerra dentro de si a singularidade de uma realidade concreta entre o abstrato e o concreto, e vice-versa, tendo sido extraída da Revista *Tempo*, coluna nacional referente à reportagem, retratando o autoemprego de vendedor ambulante, conforme título da mesma, como se pode localizar na edição número 1447, do dia 8 de agosto de 1999 (fotografia tirada no dia 30 de maio de 1999), na página 28, como ilustra a figura 1 que segue.

Figura 1: o autoemprego de vendedor ambulante



Fonte: Revista Tempo - Henrique (1999, p. 28)

Nesse contexto, a fotografia, na Revista *Tempo*, de alguma forma enquanto evidência, permitindo a compreensão da história da nação e do povo em perspectivas sincrônicas e diacrônicas – realçando uma sequência cronológica dos fatos históricos que retratam o acontecimento uma vez que “o

que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção” (Marx & Engels, 2007, p. 87).

Daí que seja pertinente na pesquisa com recurso a fotografia de imprensa considerar a ideologia subjacente à linha editorial do impresso reconhecendo que, “como outras produções sociais, a fotografia é altamente ideologizada” (Franco, 1993, p. 30).

A adoção de uma perspectiva diacrônica possibilita a análise do fenômeno numa ótica dialética, considerando-se não só o fato, mas também o contexto social, econômico e político em que se insere a fonte e/ou objeto estudado, uma vez que “[...] os rastros do passado se fazem presentes em diversos aspectos da vida social moçambicana” (Triana, 2022, p. 15). Podemos fazer menção aos aspectos como vivências, tensões, condições materiais, nas interações etc.

Na análise da qualidade da fotografia, figura 1 acima, na Revista *Tempo* considera-se aspectos como atualização; nesse contexto, ainda que retrate um tempo passado, o fato ecoa na memória de qualquer moçambicano hoje podendo ser objeto de pesquisa e/ou fonte de pesquisa; na figura 1 acima apresentada, quanto a presença da legenda, nota-se a ausência da legenda sendo esse lapso colmatado pela existência do título que ajuda na interpretação, bem como a presença da mensagem textual explicativa. Mesmo assim, nota-se a ausência de “onde?” “Quando?” E da indicação dos nomes dos sujeitos – o “Quem?”. Estando ausente a legenda que iria clarificar a figura, as dificuldades aumentam na interpretação da imagem fotográfica descrita.

Nota-se que a apresentação da figura-fundo é elucidativa e eficaz para a compreensão da fotografia devido a um bom enquadramento, tecnicamente não podemos presumir a existência de um desequilíbrio na fotografia e o tamanho é bom, cerca de 2/3 da página 28, conforme imagem fotográfica, figura 1 em alusão.

Foi nos dado a observar a partir da fotografia analisada que estes aspectos são importantes a serem considerados no estudo da fotografia, tecnicamente a par de aspectos de conteúdo no âmbito da história e historiografia no campo em estudo pelo fato de “a produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem de vida real (Marx & Engels, 2007, p. 93), uma linguagem que pode ser analisada através da fotografia de imprensa.

As fotografias nas várias edições da Revista *Tempo*, em muitos casos, apresentavam-se a cores ou preto e branco pois “a vida tal como fotografada produz contornos outros, para além do seu contexto histórico e de produção, de maneira a evocar e a se relacionar com outras imagens, memórias e eventos” (Triana, 2023, p. 148). Em relação à qualidade da fotografia na imprensa moçambicana, há que considerar que não deixa de ser subjetiva tendo em vista as condições materiais e o nível de desenvolvimento da sociedade moçambicana no espaço-tempo.

A fotografia (figura 1) nos impele a que olhemos para um período pluripartidário em Moçambique em que a realidade social está impregnada de maior procura pelo emprego, onde os graduados nas instituições de ensino vagueiam longos anos a fio sem emprego, os discursos educativos a favor do autoemprego agudizam-se e o mercado informal é o espaço de convergência de crianças, jovens, adultos e velhos em busca do autossustento.

A análise da fotografia deve nos impelir não a aparência, o cultivo da terra com a enxada de cabo curto na sociedade moçambicana, mas chamar a consciência para as mazelas, “a consciência [Bewusstsein] não pode ser jamais outra coisa do que o ser consciente [Bewusste Sein], [...]” (Marx & Engels, 2007, p. 94).

Na Revista *Tempo*, nº 1191, de 19 de setembro de 1993, página 12, foi extraída a figura 2 abaixo, e é possível, a título de exemplo, observar a existência de fotografia sem qualquer título e legenda na seção nacional, coluna sobre reportagem.

Figura 2: [sem título]



Fonte: Jorge Tome (1993, p. 11)

A imagem fotográfica na revista *Tempo*, fotografia 2, retrata a vida na sociedade ela tem conteúdo, portanto é passível de através dela, por sucessivas abstrações da realidade material fazer a crítica do conhecimento acumulado que “[...] consiste em trazer ao exame racional, tornando-os conscientes, os seus fundamentos, os seus condicionamentos e os seus limites – ao mesmo tempo que se faz a verificação dos conteúdos desse conhecimento a partir de processos históricos reais” (Netto, 2011, p. 18).

Como se pode observar na figura 2, a fotografia retrata a agricultura familiar em Moçambique, no distrito de Chókwé. Ao abordar a questão agrícola, base para o desenvolvimento de Moçambique, remete-nos “a uma conexão materialista dos homens entre si, conexão que depende das necessidades e do modo de produção e que é tão antiga quanto os próprios homens [...]” (Marx & Engels, 2007, p. 34).

Tratando-se de uma imagem fotográfica produzida por Jorge Tome em 1993, numa reportagem conduzida pela Revista *Tempo*, texto de Fernando Manuel e que desafia a compreensão da relação ou interligação mensagem e imagem fotográfica, a ausência do título e da legenda, a título de exemplo, dificulta o entendimento do leitor, algo que é compensado pelo texto da mensagem, uma vez que “é indiscutível a importância da identificação das fotos na sua utilização como fonte histórica” (Franco, 1993, p. 34). A imagem fotográfica em alusão só tem valor documental enquanto situada no tempo-espaço e na relação considerando-se as mediações a que está sujeita.

É possível observar que um dos desafios que os fotojornalistas encaram na Revista *Tempo* tem a ver com a figura-fundo da fotografia, uma vez que “[...] o que se coloca em primeiro plano, nos planos secundários e no plano de fundo torna-se, assim, extremamente importante, quer para dar força visual à imagem, quer para realçar certos conteúdos” (Sousa, 2002, p. 85). As fotografias nas várias edições da Revista *Tempo* visavam mostrar os caminhos que norteariam a saída do subdesenvolvimento para o desenvolvimento, retratando o operário nas fábricas, a introdução da produção mecanizada, o trabalhador dos caminhos de ferro e a ideia de melhoria das vias de acesso.

O enquadramento das fotografias na Revista *Tempo* nem sempre privilegiou formas significantes, dando-se destaque a formas não significantes, uma vez que “[...] o enquadramento e o foco carregam uma interpretação e uma seletividade ativa do que é fotografado” (Triana (2023, p. 148), por isso, não podemos ignorar o fato de a fotografia de imprensa ser considerada documento histórico, preservando e resgatando memórias “[...] a partir de abstrações racionais que levam em conta a hierarquia das determinações materiais postas em ação pelo trabalho do homem” (Marx, 2008, p. 15).

As questões de equilíbrio e desequilíbrio nas fotografias é outro elemento a ser considerado, visto que “[...] a simetria é a expressão mais evidente de equilíbrio. [...] A simetria fotográfica é útil para atrair a atenção para um objeto já em si simétrico” (Souza, 2002, p. 86). As fotografias da Revista *Tempo* apresentam uma certa simetria ainda que, de alguma forma, exijam destreza técnica por parte dos fotojornalistas, como foi possível observar na figura 1.

As fotografias das notícias em geral são as que aparecem muitas vezes na imprensa o que mostra que, de alguma forma, no exercício da função repórter fotográfico, ou seja, foto-repórter. Observa-se que muitas das fotografias na Revista *Tempo* são de notícias gerais, do campo da educação, campo agrícola, da economia, do desporto, da cultura, entre outros. Esse fato se justifica por ter havido ou resultarem de um planejamento e execução para a obtenção delas carecendo de fotografias para retratar situações únicas, uma vez que, “frequentemente, as *spot news* são obtidas sem se contar” (Souza, 2002, p. 111).

Discorrendo sobre a Revista *Tempo*, como é o caso da edição nº 1191 de 19 de setembro de 1993, abordando sobre o começar tudo do zero e novamente o algodão, pode-se verificar na página nacional, coluna de reportagem, uma reportagem sobre o posto administrativo de Macarretane, distrito de Chókwe, província de Gaza na região sul de Moçambique, intitulada – Para trás olham os mortos. Nela encontram-se várias fotografias. Trata-se de fotografias que não são de instantes fluidos, mas retratando as mazelas do conflito armado que terminou com a assinatura dos acordos de paz em Roma e o drama de regresso à terra e a possibilidade de recomeçar a vida do zero, uma vez que as populações tinham perdido tudo (casa, machambas, equipamentos agrícolas, gado, escola, posto de saúde etc.). Nesse contexto, “[...] as fotografias de instantes fluidos, como a do político que beija a criança quando ela faz a cara de enfado” (Souza, 2002, p. 114), são as que menos aparecem, ou seja, quase nunca, revelando desafios na sua obtenção ou captação a nível da Revista *Tempo*.

Através da fotografia como fonte de pesquisa é possível problematizar fatos, reconstitui-los considerando elementos que compõem a fotografia de imprensa, ciente de que “[...] o ser dos homens é o seu processo de vida real” (Marx & Engels, 2007, p. 94). Um olhar que recai para a realidade e para a fotografia, para o que é de natureza iconográfica ou de natureza simplesmente técnica. Há que considerar o fato de que, “a fotografia pode ter uma função utilitarista além de simbólica” (Pereira, 2021, p. 1140).

As fotografias analisadas neste texto remetem à década 90 em um contexto de saída do monopartidaríssimo (partido único), que vigorava desde o alcance da Independência Nacional em 1975, para o multipartidarismo assumido a partir da Constituição da República de 1990. As fotografias procuravam mostrar a situação do país na área social e não só chamar atenção, despertar a consciência para a situação vivenciada, justificando os esforços dos poderes públicos perante as relações sociais existentes e pressões dos novos atores políticos.

A figura 2 mostra que apesar de esforços governamentais em oferecer uma educação de qualidade, reduzindo-se as taxas de analfabetismo, os jovens e adultos formados, sem oportunidades de continuar os estudos em níveis mais elevados, sem acesso ao mercado de trabalho, isto é, ao emprego formal, enveredam pelo autoemprego, dedicando-se a produção agrícola o que lhes permite explorar a terra nas zonas rurais e na cintura verde das cidades, vendendo a força de trabalho ou produzindo e os resultados da produção mal permitem o autossustento numa realidade social marcada pela economia de mercado, altos custos de produção, uma cadeia de produção aquém das expectativas da classe trabalhadora, uma cadeia de produção alienante visto que o resultado da produção não beneficia ao homem desafiando o homem enquanto ser social a ter consciência da sua situação e condição uma vez que “[...] é o ser social que produz a consciência” (Marx, 2008, p. 14).

Portanto as fotografias de imprensa mais do que retratar fatos sociais, mostrarem a realidade social do homem, esse que tem história, justificando ações em favor do capital ou não, na sua aparência social, quando analisados criticamente podem evidenciar projetos pedagógicos implícitos que põem em causa uma geração questionando-se as políticas públicas setoriais e através delas, as fotografias de imprensa, no estudo da sociedade, produzir-se um conhecimento teórico que, “[...] é o conhecimento do objeto – de sua estrutura e dinâmica – tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador” (Netto, 2011, p. 20”. Nesse sentido, leituras e releituras críticas a partir das fotografias da imprensa, da fotojornalismo são necessárias e possibilitam que se desenvolva uma prática materialista “aquela que reconhece que a

investigação científica se conduz a partir da relação entre totalidade e realidade, uma vez que essa última só pode-se dar a partir de seus nexos de casualidade (Marx, 2008, p. 15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da fotografia no período colonial em Moçambique visou objetivamente retratar a realidade com um forte componente ideológico, justificando a penetração e ocupação forçada do território ao mesmo tempo que procurou cancelar a atuação do colono em face à dicotomia senhor-servo na epopeia civilizadora e exploradora. No período monopartidário, isto é, de partido único, a fotografia esteve presente na Revista *Tempo* retratando o modo de produção na sociedade com forte viés ideológico resultante das determinações político-partidárias.

A fotografia de imprensa em enorme peso no campo da história e historiografia uma vez que possibilita a (re)interpretação dos fatos, fenômenos e/ou eventos históricos no espaço e tempo.

A utilização da fotografia nos jornais e revista deve, na atualidade, considerar a superação das falhas e/ou limitações de editoração de outrora a nível dos jornais e revistas em Moçambique.

Além disso, a utilização da fotografia pela imprensa demanda por parte dos órgãos de comunicação social, na atualidade, a necessidade de recursos materiais e tecnológicos de qualidade, o que implica investimentos numa infraestrutura de comunicação. Igualmente, a necessidade de desenvolvimento profissional dos colaboradores, dando-se especial atenção aos fotojornalistas de modo a profissionalizá-los através de uma política assente em treinamento, capacitação e formação dos fotojornalistas para que atuem com isenção e profissionalismo, em face à necessidade de produção e difusão de informação fatural em tempo útil, considerando as dinâmicas atuais no mundo da informação, pois a fotografia não deve ser vista como um adereço, mas uma evidência que reforça o texto nas revistas e jornais.

A utilização da fotografia de imprensa como fonte e/ou objeto de pesquisa em história e historiografia da educação passa necessariamente por julgar a conduta ética fotojornalista na imprensa em questão, da análise criteriosa das fotografias tendo por base as ideologias presentes na época, a influência dos poderes públicos e da classe burguesa, isto é, dos detentores do poder econômico, cientes de que “todo o processo de produção da imagem, de sua apropriação, preservação e utilização, de sua observação e interpretação é permeado por elementos ideológicos da concepção da realidade e da visão de mundo de cada um dos sujeitos envolvidos” (Ciavatta, 2012, p. 36).

Desse modo, a fotografia deve ser vista como útil para o resgate de memórias individuais e coletivas, contribuindo para o estudo da história e historiografia da educação considerando-se as experiências e vivências. Daí que seja necessária a crítica sobre a fotografia de imprensa sendo necessária sua utilização de forma criteriosa no âmbito da produção em história e historiografia.

A fotografia abre espaço para explorar fatos, fenômenos e eventos que marcam uma época na sociedade, permitindo indagar sobre os avanços e retrocessos no tempo e espaço. Não nos furtamos a necessidade de combinar fotografia e mensagem para a eficácia na produção do conhecimento a partir da utilização da fotografia resultante do fotojornalismo, mas questionar as ideologias, o alcance dos propósitos das revoluções na sociedade, o modo de produção. Nesse contexto, a fotografia enquanto documento e a fotografia digital podem e devem ser utilizadas como fonte histórica, estando sujeitas à pesquisa.

As melhorias na utilização da fotografia na imprensa em Moçambique podem ser viabilizadas diante de uma boa composição, considerando-se a ética fotojornalística na produção, bem como assumindo-se o valor documental da fotografia na sociedade e, sobretudo, nos programas de pós-graduação para a compreensão do modo de produção na sociedade, considerando-se o valor estético retratando experiências, vivências e relações nas mediações que ocorrem em face à natureza humana dos sujeitos envolvidos.

Ainda que não se tenha a pretensão de esgotar toda a abordagem sobre a fotografia na imprensa moçambicana e não a fotografia de modo geral neste texto, há que destacar o fato de a fotografia estar presente na imprensa Revista *Tempo* com funções ilustrativas e desempenhando seu papel no âmbito do fotojornalismo moçambicano. Nos primórdios da independência com elevadas taxas de

analfabetismo, a fotografia foi sendo utilizada para retratar a realidade social, as relações sociais e condições materiais no campo da educação sem necessidade de explicações adicionais, o que prevalecia é o entendimento, fruto das mazelas dos grupos e classe social específica.

A fotografia de imprensa é valorizada neste estudo como instrumento para a análise crítica da realidade educativa, permitindo a compreensão de projetos educacionais na sociedade moçambicana, rebater ou reforçar discursos socio políticos e produção de sentidos na história da educação. Nesse contexto, o fotojornalismo pode veicular projetos pedagógicos implícitos fazendo-se necessário nos estudos históricos e historiográficos a busca incessante da essência na realidade social face a alienação das mentes da classe trabalhadora, ocultando interesses da classe burguesa fundados na exploração do homem pelo homem, numa educação que produza mão de obra para servir os interesses dos detentores do capital

REFERÊNCIAS

- Barata, J. (2014). A fotografia de imprensa, em Moçambique, na era digital. *RJR*, p. 96-97. <https://journals.co.za/doi/pdf/10.10520/EJC159485>
- Barbosa, V. da C. (2014). *A fotografia digital como fonte histórica no limiar do século XXI*. Monografia (licenciatura em história), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brumado-BA. 42p
- Burke, P. (2004). *Testemunha ocular: história e imagem*. Tradução: Vera Maria Xavier dos Santos, revisão técnica: Daniel Aarão Reis Filho. Coleção história, Bauru, Edusc. <https://doku.pub/download/peter-burke-testemunha-ocular-historia-e-imagem-ocrpdf-9qgogrkd7rln>
- Ciavatta, M. (2012). O mundo de trabalho em imagens: memória, história e fotografia. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, v. 12, n. 1, p. 33-46, jan-abr. ISSN: 1984-6657. <http://submission-pepsic.scielo.br/index.php/rpot/index>
- Ciavatta, M. (2020). História e historiografia em trabalho- educação e o pensamento crítico. *Revista Trabalho Necessário*, v. 18, n. 35, 6-19. <https://doi.org/10.22409/tn.v18i35.40489>
- Ciavatta, M. (2024). Imagens e Fotografias: fontes históricas para análise da imposição do trabalho e a negação da educação. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, [S.l.], v. 1, n. 24, p. 1-22, e17043, Jun. ISSN 2447-1801. DOI: <https://doi.org/10.15628;rbapt.2024.17043>
- Chilingue, E. (2023). *Análise da qualidade da fotografia jornalística na imprensa escrita moçambicana: caso dos semanários privados “savana” e “canal de Moçambique”*. Monografia (Curso de licenciatura em jornalismo), Escola de Comunicação e Artes, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo. <http://monografias.uem.mz/handle/123456789/3575>
- Franco, M. C. (1993). A fotografia como fonte histórica: introdução a uma coleção de fotos sobre a “Escola do Trabalho”. *Educ. Rev.* [online]. n.18-19, pp.27-38. ISSN 0102-4698.
- Gamboa, S. S. *Epistemologia da pesquisa em educação*. Campinas, São Paulo, 1998.
- Guaraldo, L. (2012). A expressão gráfica nos projetos editoriais. *Educação Gráfica*, v. 16, n. 01, ISSN: 2179-7374. <https://www.educacaografica.inf.br/wp-content/uploads/2012/05/5Lais.pdf>
- Hoffmann, M. L. (2015). *Fragmentos da história: o uso da fotografia para a recuperação e a preservação da memória de Londrina*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.27.2015.tde-18052015-163909>
- Henrique, B. (1999). Autoemprego de vendedor ambulante. *Tempo*, Maputo, n. 1447, p. 28.
- Macagno, L. (2020). Modern Intimacies and Modernista Landscapes: Chinese Photographs in Late-Colonial Moçambique. *Lusotopie* XIX, n. 2, p. 181-212. <https://journals.openedition.org/lusotopie/5642>
- Martiarena, M. A.; Schussler, C. (2023). Trabalho e fotografia: um estudo sobre o trabalho ambulante no Rio de Janeiro, durante a gestão do Prefeito Pereira Passos. In: M. Ciavatta, A. P. M. de Lima, C. Schussler, E. F. de A. Oliveira, F. L. de Souza, F. das C. S. Souza, I. de F. Campos, J. L. Nascimento (Jr), L. Cariello, M. Lima, M. A. Martiarena, O. M. de M. Neta, R. Reis, R. A. da Rosa, S. N. Ferreira, (2023). *Fotografia como fonte de pesquisa: da história da educação à história de trabalho- educação*. Navegando, Uberlândia-MG. <http://dx.doi.org/10.29388/978-65-81417-83-3-0>

- Marx, K.; Engels, F., 1818-1883. (2007). *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. Tradução de Rubens Enderle; Nélio Schneider; Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo.
- Marx, K. (2008). *Manuscritos econômicos-filosóficos*. 1ª edição, 2ª reimpressão, Boitempo editorial. ISBN 975-85-7559-002-7
- Marx, K.; Engels, F. (2015). *Manifesto do Partido comunista*. 3ª ed., São Paulo, Edipro: Serie clássicos Edipro, Tradução, prefácio e notas Edmilson Costa, Apresentação Annibal Fernandes.
- Mendes, O. (1981). *Instituto Agrário de Chimoio: a transformação*. *Tempo*, n. 546, 29 mar.
- Netto, J. P. (2011). *Introdução ao estudo do método de Marx*. 1ª ed., São Paulo: Expressão Popular. 64p. ISBN 978-85-7743-182-3.
- O'Donnell, J. G. (2004). História, indícios, imagens: a historiografia do olhar. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.º. 34, jul./Des. P. 191-195. Resenha – BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem. Bauru, Edusc, 2004. ISBN 85-7460-192-6.
- Pereira, H. S. (2021). Capital, império e fotografia: evidências dos álbuns fotográficos de empresas coloniais em Angola e Moçambique durante o scramble for Africa. *História, Ciências, Saúde – Mangunhos*, Rio de Janeiro, v.28, n.4, out.-dez., p.1137-1157. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702021000400011>
- Ribeiro, A. P. G. (2000). *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50*. Tese (doutorado em comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Ribeiro, F. B. (2005). A invenção dos heróis: nação, história e discursos e identidade em Moçambique. *Etnográfica: Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, v. 9, n. 2, p. 256-275. <https://doi.org/10.4000/etnografica.2963>
- Silva, A. G. M. da; Rana, B. de C. M.; Filho, J. R. B.; Chinalia, N. S. (2015). Moçambique Ntiyisso. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, XXII Prêmio Expocom, p. 1-10. <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/expocom/EX48-1631-1.pdf>
- Sousa, J. P. (2002). *Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem de fotografia na imprensa*. Porto. <http://repositorio.asc.es.br/handle/123456789/1690>
- Tavares, F. de M. B.; Vaz, P. B. F. (2005). Fotografia jornalística e mídia impressa: formas de apreensão. *Revista FAMECOS*, V. 12, n. 27, Porto Alegre, ago, p. 125-138. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2005.27.3329>
- Tome, J. (1993). Para trás olham os mortos. *Tempo*, Maputo, n.º 1191, p. 11, set.
- Triana, B. N. da C. (2017a). Arquivos e Imagens (Pós) Coloniais: Contribuições Analíticas sobre duas Coleções Fotográficas. *GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia*, São Paulo, Brasil, v. 2, n. 1, p. 37-60. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2017.129127>
- Triana, B. N. da C. (2017b). Imagem como memória: fotografia e história em Moçambique. *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 273-279. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2017v19n1p273>
- Triana, B. (2022). Rastros, ruínas e decadência: contribuições para uma antropologia dos arquivos. *Revista de Antropologia*, São Paulo, Brasil, v. 65, n. 2, p. 1-27, e197956. <https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.197956>
- Triana, B. (2023). Restos de passados, fragmentos de histórias, memórias, temporalidade e cidade nas fotografias de Ricardo Rangel (1950-1975). *Armário Antropológico* [online], v. 48, n. 2, mai-ago, p. 145-168. <https://doi.org/10.4000/aa.11104>

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Maria Isabel Moura Nascimento – Coordenadora do projeto, participação ativa na análise dos dados e revisão da escrita final.

Gilberto Daniel Rafael – Conceitualização, metodologia, coleta de dados, análise dos dados e escrita do texto.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.